

“EUROPEIZAÇÃO, EUROPEÍSMO E CULTURA BRASILEIRA”

João Francisco Régis de Morais *

INTRODUÇÃO

Há grande discussão sobre a maior ou menor expressividade cultural da gente brasileira. Os mais radicais chegam a negar-nos uma identidade nacional, no que respeita ao índice de originalidade das produções espirituais que deveriam traduzir nosso **estilo de vida**. Tal debate mostra-se, para nós, muito positivo, pois tem inaugurado uma nova e entusiástica época de estudos brasileiros.

Marcados por uma colonização que nos fez culturalmente inibidos, reduzidos com freqüência aos monossílabos dos dominados, acabamos sob a ameaça dos filoneísmos ecletistas. É preciso termos consciência de que tais ameaças não são coisas do passado, porquanto ainda apresentamos perigosos pendores à imitação indevida. Para nossa felicidade, há aspectos também positivos na imitação e não se pode permanecer fechado às boas influências.

Este texto pretende esclarecer situações presentes, e quem sabe? — sugerir caminhos para o futuro, para tanto buscando apresentar uma síntese da evolução cultural brasileira. Há que levar-se em conta as dificuldades de tal síntese na qual fica apenas ensaiado o esboço de uma complexa trama histórica. Evidentemente, o leitor terá de buscar fartos complementos a este delineamento em trabalhos verdadeiramente amplos dos quais muito felizmente dispomos, tais como, por exemplo, os de Fernando de Azevedo, Nélon Werneck Sodré e Wilson Martins que abordam, com extraordinária minúcia, a história da inteligência nacional.

O expansionismo europeizante objetivou-se no fenômeno conhecido como **europeização**. À **europeização** colonizadora (que foi uma longa entre nós) sucedeu um **europeísmo** que vem tendo efeito ambivalente sobre a realidade da cultura brasileira contemporânea: enriquece-nos, sem dúvida, com

*Professor de Filosofia e mestrando em filosofia social na PUC de Campinas.

suas produções culturais, mas, ao mesmo tempo, obstaculiza nossa expressão individual de nação.

É possível que se questione sobre as razões segundo as quais, em um trabalho desta natureza, não nos tenhamos preocupado em deter-nos também sobre as influências norte-americanas. À tal indagação responderíamos dizendo que, segundo entendemos, enquanto aceitamos dos Estados Unidos modas efêmeras, continuamos mais seriamente submissos aos desideratos intelectuais da velha Europa.

Assim, europeização, europeísmo e cultura brasileira foram elementos que procuramos analisar nestas páginas com o propósito de fuga sistemática a nacionalismos ressentidos e pruridos adolescentes de emancipação. Apenas **vivemos** a convicção de que é chegada a hora de nos **expressarmos** mais efetivamente como nação.

Sem dúvida, admitimos que o presente texto seja polêmico em alguns dos seus aspectos. Se o for de fato, estaremos verdadeiramente gratificados.

1. O EXPANSIONISMO EUROPEIZANTE

À medida em que se ia dissolvendo a cultura medieval, precisamente aqueles elementos, que durante quase 10 séculos haviam sido recalcados por um teocentrismo predominante que resultara em modéstia e timidez, transformavam-se em impulsos expansionistas. Oswald Spengler, analisando alguns fatores tais como: o surgimento da perspectiva na pintura a óleo, a disposição dos palcos nas tragédias shakespearianas e, daí para a frente, o amor civilizado pela velocidade no tráfego, a paixão que conduziu à conquista dos ares, conclui que o grande símbolo da "alma faustiana" era de fato o **espaço ilimitado**. Sobretudo o uso da perspectiva nas artes pictóricas indicava uma disposição interior no homem ocidental que realmente o moveu em suas aventuras expansionistas.

As razões culturais, de descontentamento com seu espaço e com seu atual estado de espírito, não foram, obviamente, as únicas a atirarem o europeu às conquistas. Os turcos, como é sabido, haviam-se assenhoreado da passagem terrestre para o Oriente, o que logo significara um estrangulamento econômico muito sério para o oeste europeu. Dessarte, combinavam-se razões

subjetivas e pragmáticas, para fazerem preparar-se e desenvolver-se o expansionismo. Podemos ler ao longo da obra de Caio Prado Júnior, por exemplo, análises acentuadamente economicistas que buscam explicar o expansionismo europeu. Lewis Mumford, todavia, escreve: “A partir do século XV, passou a dominar na Europa ocidental o espírito expansionista. Já ninguém mais queria viver emparedado: emparedado na classe, emparedado na ocupação, emparedado nos deveres e obrigações fixas, em cidades e territórios. Todos sentiam que fora dos limites que se tinham imposto existia um novo mundo. O espaço convidava-os ao movimento e o movimento devorava o espaço. O espírito de aventura, ao qual já muito antes as Cruzadas haviam soltado a rédea, reaparecia agora com novas energias, fazendo novos progressos a cada nova notícia procedente da África ou da Índia.

O Novo Mundo, do qual se começou a falar do século XVI em diante, era tanto uma descoberta de ordem prática como uma construção ideológica; não apenas um lugar, mas também um **idolum**” (1).

O chamamento desse **idolum** fez-se em um abalo de fé que, no caso, era uma espécie de loucura historicamente necessária. De repente o homem europeu viu-se de tal modo fascinado pela ideologia do Novo Mundo, viu-se invadido pela febre do espaço ilimitado, que nem se deteve medindo as próprias limitações. Avançou sobre o oceano imenso, tendo a livrá-lo do abismo de água umas tantas tábuas arranjadas em navio. Que razões objetivas poderiam fundamentar tais temeridades? Nenhuma. Nada além de uma fé visionária excitada por contos fantásticos. No século XVIII, o Abade Raynal anotou: “Desde as intrépidas tentativas de Colombo e de Gama, desenvolveu-se em nossos países um espírito de fanatismo até então desconhecido, o espírito dos descobrimentos. Temos percorrido e ainda continuamos a percorrer todos os climas, de um pólo a outro, em busca de um continente que possamos invadir, de algumas ilhas que possamos devastar, de algum povo que possamos assaltar, roubar, subjugar e massacrar. Não mereceria ser incluído no número dos benfeitores da humanidade aquele que pusesse um termo a essa **loucura furiosa**? ” (2).

Avaliando a si mesmo, percebendo sensatamente as próprias limitações, jamais o europeu se haveria posto aos mares para a consecução dos “grandes descobrimentos marítimos”. Eis a ironia de que a sensatez também pode atravancar os caminhos da História. Portanto, a **loucura furiosa** indicada

(1) **A Condição de Homem**, págs. 262 – 263.

(2) Citado em Lewis MUMFORD, op. cit., págs. 271 – 272.

pelo Abade Raynal terá sido fato indispensável para que o mundo conhecesse o fenômeno da europeização. A loucura não possui méritos intrínsecos. Mas os homens costumam atribuir méritos a algumas das suas inconsciências, por um pendor a mitificar e exagerar sua própria importância histórica.

“Cada êxito — comenta Mumford — tornava o homem europeu mais ousado, e cada ato de ousadia lhe aumentava o êxito. De volta, trazia o explorador cativos e escravos; trazia prata, ouro, marfim, incenso; mas o melhor de tudo é que **se trazia a si mesmo**, e consigo a crença em sua própria capacidade de ‘esforçar-se, de porfiar, de descobrir e de não desistir’ diante dos mais tremendos obstáculos opostos pela natureza” (3).

Provavelmente, um dos frutos mais lamentáveis de tamanha vontade de expandir-se e abarcar o mundo, tenha sido a nova escravidão. Povos escravizados existiram desde a mais remota antiguidade; mas do século XVI em diante surgiria a chamada “consciência racial” e, pela primeira vez, o critério de escravização foi justificado, a partir das paranóias deste homem branco a que se atribuiu desmedida importância, em função de diferenças raciais. Está claro que as raízes do racismo são econômicas. Os mercadores europeus tomaram à força o que pertencia a amarelos e negros, invadiram e subjugarão as nações mais modestamente armadas. Como permanecer mudos, com tamanho peso na consciência? e, mesmo, como encontrar um modo de justificar os seus atos perante o ecúmeno? De tais questões emergiu a falsa história das raças “naturalmente” inferiores. O antropólogo Ralph Linton tem candentes palavras para elucidar a emergência da argumentação racista: “Os europeus não se contentaram com aceitar simplesmente, como fato consumado, seu domínio social e político atual. Tentaram, quase desde o princípio racionalizar a situação e provar a si mesmos que subjugar outros grupos raciais era fato natural e inevitável. Talvez os estimulasse a inconcessada compreensão de que tudo que se conquista pela espada está sujeito a ser perdido pela espada”. (4).

Trataremos, contudo, mais detidamente do fenômeno da europeização e algumas de suas principais conseqüências nas páginas que se seguem.

(3) *Ibidem*, pág. 264.

(4) “A Significação das Diferenças Raciais”, em Ralph LINTON, *O Homem: Uma Introdução à Antropologia*, pág. 67.

2. A EUROPEIZAÇÃO

Os contatos entre povos com diferentes culturas, sabe-se, são bem anteriores ao Renascimento. Porém, os grandes descobrimentos marítimos intensificaram tais contatos, conferindo-lhes uma importância dantes não conhecida. Mas o processo de europeização do mundo não pôde permanecer pacífico. Logo, os contatos, que eram razoáveis e quase amigos, foram-se tornando agressivos e evadidos de uma tendência dominadora que se fez seguir por uma série de conflitos. As empresas marítimas de Portugal e Espanha parece terem iniciado tudo, havendo sido só posteriormente suplantadas pelas companhias mercantes dos ingleses e dos holandeses. Era o movimento de “ocidentalização” do mundo, com a civilização europeia causando gigantesco impacto sobre os povos descobertos.

Na verdade, a europeização iria caminhar por séculos, vindo a solidificar-se na Revolução Industrial, quando as ideologias capitalistas fizeram prolongar-se mais efetivamente o processo.

Apreciemos o que registra George Young, na **Encyclopaedia of Social Sciences**, relativamente ao verbete “europeanization”: “o termo europeização pretende exprimir os efeitos, sobre as culturas e civilizações asiáticas, americanas e africanas, do sistema social peculiar instalado na Europa moderna como conseqüência da Renascença clássica, da Reforma protestante e da Revolução Industrial. **Politicamente**, a europeização pode ser expressa pela imposição da idéia de democracia, no sentido de governo parlamentar e de partido; ou de soberania, no sentido de supressão ou subordinação de todos os órgãos governamentais ao estado soberano; ou ainda de nacionalidade, pela criação de uma solidariedade semi-religiosa em apoio daquela soberania. **Economicamente**, a europeização pode ser expressa pela imposição das idéias de capitalismo individualista, competição e controle sobre as comunidades que desfrutaram de civilizações mais elaboradas e eqüitativas, porém menos produtivas e progressistas, coletivistas e comunais; **industrialmente**, pela substituição da manufatura e trabalho caseiro pela fábrica e trabalhos de máquina. **Em termos de educação**, a europeização se exprime pela persuasão aos outros continentes das vantagens da ciência europeia no seu progresso material e moral, ou pela sujeição da disciplina da vida tribal e hábitos de dissipação, ao evangelho do missionário, às mercadorias do negociante e às boas intenções do administrador” (5).

(5) Citado por Arthur RAMOS, **Introdução à Antropologia Brasileira**, vol. III, págs. 111 – 112.

Embora em alguns pontos secundários esta consideração de Young se mostre um pouco polêmica, não há negar que cumpre a finalidade de esclarecer-nos sobre a realidade global da europeização. A leitura atenta do verbete acima transcrito, permite-nos ver que a palavra “imposição” é freqüente no texto, atenuada pelos vocábulos “substituição” e “persuasão” mais para o final, sendo tal abrandamento filho exclusivamente de uma intenção de elegância no estilo porque, afinal, tudo foi impositivo mesmo. Interessante é o apontamento de que três são os elementos básicos alimentadores da ideologia expansionista em análise: a Renascença clássica, a Reforma protestante e a Revolução Industrial. No Renascimento, um enérgico movimento humano de auto-afirmação é realizado; todavia, é curioso que, nesta nova afirmação de si mesmo, o homem ocidental mostrava crescente desinteresse por sua vida interior, pois que esta se fizera num amontoado de dúvidas quanto à validade das velhas crenças e tradições, sob o impacto das novas descobertas astronômicas e físicas. Como explica Mumford: “...pôs-se a fixar sua atenção no mundo exterior, e certas tendências que poderiam ter sido suicidas, ele as transformou em atos de agressão e de conquista, perpetrados contra a natureza e contra os filhos da natureza. Em culturas anteriores o homem havia praticado o recolhimento; na economia deste novo mundo a emigração passou a ser a nova forma de retiro” (6). Já a Reforma protestante, um não pequeno abalo nas estruturas antigas da civilização européia, causara inusitado mal-estar. Ou porque pregasse a autonomia espiritual do indivíduo, o livre exame dos textos bíblicos que passaram a ser divulgados, ou porque, ao nível de uma política religiosa suscitasse o surgimento de uma Contra-reforma. O primeiro fator significou a semente de um individualismo em nada conveniente às hierarquias católicas, sendo que o segundo objetivou atitudes através das quais podemos conhecer o esforço missionário com o qual se buscou, o mais depressa, dar às novas gentes descobertas os ensinamentos da Igreja por meio de intenso missionariado a cargo principalmente de jesuítas empenhados, por excelência, na Contra-reforma. Muito mais tarde, a Revolução Industrial deu conta de solidificar, nas “novas terras”, um **modus vivendi** que mostrasse inteira conveniência aos interesses agora imperialistas da Europa capitalista.

Já na contemporaneidade, vamos encontrar grande número de historiadores, antropólogos e sociólogos interessados em estudar aprofundadamente o fenômeno da europeização e as suas conseqüências mais evidentes. Toynbee, Sérgio Buarque de Holanda, Margaret Mead, P. Redfield, Gilberto

(6) Lewis MUMFORD, *A Condição de Homem*, pág. 263.

Freyre, Stanley Vestal, Raymund Firth, Mônica Hunter e outros, dedicaram parte importante de sua atividade intelectual e tais estudos. Todos, ou quase todos destes pesquisadores tiveram de enfrentar, de rijo, uma série de teorias e ideologias mascaradoras dos verdadeiros intentos de dominação, que falavam em “raças fracas e fortes”, em “raças escravas e raças mestras”, em “raças inferiores e superiores”, tudo isto, segundo Probenius, invenção dos europeus para justificar as suas tropelias de colonização. Fica, então, claro que a europeização nem sempre se manteve nos moldes da aculturação pacífica, promovendo uma série de conseqüências muito desastrosas.

Nos termos seguintes Arthur Ramos apresenta uma panorâmica do que estamos comentando: “Os fatos são inúmeros e de sensação: a destruição das culturas aborígenes do Novo Mundo, por espanhóis, portugueses, franceses, ingleses...; a captura e imobilização da Ásia...; a lenta agonia desses povos recalcados e ainda meio desconhecidos dos mares polinésicos e melanésicos...; o esfacelamento e a decadência da imensa África” (7). Com estas palavras o antropólogo focaliza apenas os aspectos mais escandalosos; muito mais há para considerar-se, pois, a par desta manipulação brutal dos povos descobertos, houve e ainda há uma manipulação sutil destes. São muitos os autores que descrevem o conquistador, em suas aventuras, tendo numa das mãos o rifle e na outra a Bíblia, ainda seguido de missionários e hábeis negociantes que souberam com mestria realizar os transplantes da cultura e do capitalismo europeus para as terras novas.

Examinemos o caso brasileiro em particular.

Quando os conquistadores aqui aportaram, encontraram um campo inteiramente virgem de experiências. Segundo documentos históricos, nossos nativos eram inicialmente dóceis e isto despertou grande cobiça nos brancos recém-chegados. Ocorreram, então, ludíbrios e rapinas para os quais o europeu sempre logrou urdir algumas racionalizações. Colonizadores que viriam para trabalhos mais duradouros só gradativamente foram aparecendo, pois é sabido que a Terra de Vera Cruz demorou um pouco a interessar de fato aos exploradores portugueses, os quais nunca vieram para aqui com o intuito primeiro de povoar. A tal respeito, escreve Caio Prado Júnior: “A idéia de povoar não ocorre inicialmente a nenhum (povo). É o comércio que os interessa, e daí o relativo desprezo por estes territórios primitivos e vazios que formam a América; e, inversamente, o prestígio do Oriente, onde não faltava objeto para atividades

(7) Introdução à Antropologia Brasileira, vol. III, pág. 112.

mercantis. A idéia de ocupar, não como se fizera até então em terras estranhas, apenas com agentes comerciais, funcionários e militares para a defesa, organizados em simples feitorias, destinadas a mercadejar com os nativos e a servir de articulação entre as rotas marítimas e os territórios cobiçados, mas ocupar com povoamento efetivo, isto só surgiu como contingência, necessidade imposta por circunstâncias novas e imprevistas" (8).

Mas estas circunstâncias novas acabaram por trazer parte da gente ibérica para terras brasileiras. Ora, Portugal e Espanha ao extremo Oeste, bem como a Rússia no extremo Leste, são regiões fronteiriças da Europa, diversamente caracterizadas do mais íntimo núcleo continental europeu. O homem hispânico é psicologicamente personalista, cultivador da auto-suficiência, ainda que apresentando uma personalidade tensa de contradições interiores básicas. A mais básica de tais contradições é o confronto entre profundas tendências religiosas e vorazes ambições práticas, com que os ibéricos alimentaram o desenvolvimento de uma arte e um pensamento barroco para o século XVII. Sant'Ana Dionísio esclarece: "A clarividência genial de Cervantes, criando a oposição simbólica da cavalaria **idealista** de Quixote em face das vísceras pesadas de Sancho, está nessa demonstração. Como natureza humana de extremos, o hispânico, ou vê o mundo como realidade cenográfica, de secundário valor (e nisto se revela a sua mentalidade de pessoa de face voltada para o transcendente), ou vê o mundo como propriedade **proveitosa** que importa colonizar e dela tirar rendimentos imediatos. A par da queda para o universalismo vago de tonalidade mística, nos peninsulares existe, em suma, uma propensão crassa para o excessivo culto das missões de circunstância" (9).

Este homem, tenso entre o transcendente e o prático, entre o universalismo e a circunstancialidade, prezou sempre um individualismo auto-suficiente que acabou cristalizando-se numa atitude de sobrançeria que passaria a negar, na própria vivência, a validade dos privilégios hereditários. Uma pessoa deveria, muito preferivelmente, ser avaliada pela sua independência dos favores dos demais, pelas objetivas realizações cujo mérito só cabia ao seu próprio esforço ou à sua competência. Os títulos nobiliárquicos existiram, está claro, nas monarquias ibéricas, mas significaram pouco em termos de diferenciação social. Os estudos históricos dão-nos conta de que, principalmente em Portugal, fidalgos eram encontrados em quaisquer profissões, sentando-se às mesas dos plebeus

(8) *Formação do Brasil Contemporâneo*, págs. 23 – 24.

(9) *A Não Cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência*, págs. 37 – 38.

para uma petisqueira e até, mesmo, confiando a criação de alguns dos seus filhos a famílias de posicionamento social humilde. Traduzindo essa peculiaridade de conduta e pensamento dos ibéricos, anota Sérgio Buarque de Holanda: “A verdadeira, a autêntica nobreza já não precisa transcender ao indivíduo; há de depender das suas forças e capacidades, pois mais vale a eminência própria do que a herdada. A abundância dos bens da fortuna, os altos feitos e as altas virtudes, origem e manancial de todas as grandezas, suprem vantajosamente a prosápia de sangue. E o círculo de virtudes para a gente ibérica relaciona-se de modo direto com o sentimento da própria dignidade de cada indivíduo” (10).

Com tais acentos de importância recaindo sobre a individualidade, podemos principiar a entender as dificuldades que existiram e existem entre nós em relação a todo empreendimento que vise, através da solidariedade sistemática, a emprestar formas o mais possível sólidas e definidas às organizações sociais. O tipo um tanto anárquico da vida social brasileira encontra elucidações históricas em suas raízes ibéricas. Sobretudo se fizermos o contraste com povos protestantes oriundos de diferente cepa, nos quais a organização espontânea sempre foi traço vital, veremos ainda mais destacado em nós um liberalismo de livre-pensamento averso à idéia de nação como totalidade, como verdadeira unidade de interesses. E, com isto, ficamos muito mais expostos às expoliações, pois, se na Bélgica, o parlamento realiza extensas reuniões para discutir aumentos no preço do pão, que corresponderiam a não mais que trinta centavos em nosso dinheiro; se, lá, os jornais põem-se em cobertura, com grandes manchetes, desses “escandalosos” aumentos, cá no Brasil, o mesmo alimento, pode ser encontrado pelos mais diferentes preços, pelos preços mais absurdos, que sempre faltará ao nosso povo aquele sentido de unidade de interesses que o ponha coeso em qualquer contestação. Mais ainda: com isto ficamos muito mais expostos a desmandos. Afirma Holanda: “Nas nações ibéricas, à falta dessa racionalização da vida, que tão cedo experimentaram algumas terras protestantes, o princípio unificador foi sempre representado pelos governos. Nelas predominou, incessantemente, o tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior que, nos tempos modernos, encontrou uma das suas formas características nas ditaduras militares” (11). Aqueles que se mostram incapazes de edificar formas de organização resultantes de uma lúcida solidariedade, a despeito da sua supervalorização da sobrançeria, terminam na última alternativa da obediência cega.

(10) **Raízes do Brasil**, pág. 9

(11) **Ibidem**, pág. 9.

Com esta visão geral dos nossos colonizadores, ser-nos-á mais viável a compreensão dos especiais caminhos que a europeização tomou em terra brasileira e, principalmente, teremos colocado alguns dados que acabarão por elucidar a problemática que abordaremos em seguida.

3. CULTURA BRASILEIRA E EUROPEÍSMO

Durante a fase colonial, é lógico que o Brasil não tenha sido mais que uma extensão das características culturais da gente ibérica. Contudo, é preciso levarmos em conta que nenhuma civilização pode ser transplantada para quadros ecológicos e étnicos tão diferentes sem que sofra algumas alterações naturais. Queiramos ou não, será sempre de efeito a força de um novo clima, com diversa paisagem e contatos culturais inusitados. Tomada, porém, no seu geral, a história da cultura brasileira principia por ser um novo ato da mesma peça, corrido em diferente cenário. Este é um fato de todo natural, pois que os nossos valores e idéias teriam de emergir dos valores e das idéias dos nossos antepassados ibéricos. Pode-se, talvez, questionar: "e por que não emergiriam da cultura ameríndia?" mas, segundo nos parece, tal questão não oferece maiores dificuldades. Primeiro: a partir do momento em que os ibéricos aqui aportaram, já avançado o tempo sobre o descobrimento, para ficar, para habitar a colônia, o indígena já não esteve sozinho para exercer suas influências. Segundo: o indígena, imediatamente inferiorizado em grau civilizatório e preparos bélicos, não contava com os poderes da escrita e com a tradição das estratégias políticas próprias do ambiente que conheceu a urbanização. As culturas dos nossos primitivos podiam ser intrinsecamente valiosas, mas a sua cosmovisão, seus conceitos de espaço e tempo, em nada alimentariam uma postura expansionista. Ao contrário, o hispânico tudo raciocinava do âmago de sua "alma faustiana", apaixonada pelas perspectivas e distâncias, vendendo a alma a Mefistófeles em troca do saber mais ousado que pudesse levá-lo mais longe. Nessas regiões imponderáveis também ele haveria de fincar o seu marco, como no ato final de uma conquista.

Assim, tivemos, em terras brasileiras, uma cultura ibérica aclimatada, durante os séculos XVI, XVII e quase todo o século XVIII. Só muito excepcionalmente pudemos ter, no último século citado, uma notável explosão artística de brasilidade na obra, sob todos os títulos ímpar, do Mestre Antônio Lisboa, o Aleijadinho. Nele, toda uma concepção escultural e pictórica extra-européia se formou e expressou como um dos patrimônios de arte mais

personalísticos do acervo mundial. O Aleijadinho conviveu, simultaneamente, com negros e mulatos, senhores ricos, membros do clero, os revolucionários profetas do Antigo Testamento e, admite-se até, conviveu muito de perto com outra gama de visionários: os “inconfidentes” (12). Desta complexa ambiência, Mestre Lisboa retirou o que há de mais sutil para a elaboração da sua arte que – segundo alguns – chega até a ser uma antecipação do trabalho contemporâneo de Picasso, em sua insistente deformação simbólico-interpretativa dos traços humanos.

Mas, afora Mestre Lisboa, tudo o mais é epigonismo nas expressões culturais dos séculos XVI, XVII e parte do XVIII. Alguns põem em relevo também o poeta Gregório de Matos. Não podemos, todavia, fugir ao fato de que, se nos poemas de Gregório há peculiaridades temáticas, tal não se dá com sua “técnica poética”, que acaba sendo atendimento aos moldes europeus.

No último quarto do “setecentos” o iberismo principia a perder terreno para outras influências. A europeização continua, só que agora (séc. XVIII), contamos já com brasileiros ilustres cujos principais estudos foram feitos na França, na Inglaterra e na Alemanha. Assim, o Iluminismo começa a invadir a realidade estagnada da Colônia. No encerramento da décima oitava centúria temos vários intelectuais de qualidade vivendo os entusiasmos das Luzes, dentre os quais o que mais assume importância para nossa História é o brilhante José Bonifácio de Andrada e Silva.

Com a nossa independência política logo no início do século passado, surgiram muitas querelas com a gente portuguesa por causa da emancipação, coisa absolutamente natural. E ocorre o seguinte: à medida em que nos fechamos à continuidade da influência lusa, abrimo-nos francamente a outras influências européias, principalmente à francesa. “À França pediram-se figurinos literários e filosóficos; à Inglaterra, senhora de uma monarquia modelo, o **ritual** do parlamentarismo, e a Alemanha, sobretudo depois de 1870, ao mesmo tempo em que nos enviava a sua metafísica clássica, remetia-nos também as suas novas orientações científicas” (13).

Ainda não é aí que principia aquilo que, neste ensaio, chamaremos “europeísmo”. Mais propriamente ainda, estamos diante do que

(12) A Dra. Isolde Venturelli, advogada, artista plástica e pesquisadora da nossa História, prepara um livro notável sobre a possível figuração do Aleijadinho entre as “peças” principais da Inconfidência Mineira.

(13) Cruz COSTA, **Contribuição à História das Idéias no Brasil**. pág. 67.

Gilberto Freyre chamou a “reeuropeização” (14), porque abrindo-nos a contatos muito mais amplos com a Europa, agora nos apresentava uma nova Europa, marcada pela Revolução Industrial, pela mecanização do trabalho e com uma burguesia embriagada de progressismo. Neste período, compreendido pelo século XIX, é que o fenômeno da europeização se completa entre nós, pois que, após a entrada do anglicanismo e de alguns primeiros missionários protestantes no Brasil, o calvinismo se instala em nossas terras graças ao árduo trabalho do missionário Ashbel Green Simonton. Se, antes, ficou dito que o fenômeno da europeização resultou das descobertas renascentistas, da Reforma protestante e da Revolução Industrial, completavam-se agora as coisas.

Na realidade, o século passado agitou de vivo nossa vida espiritual. A literatura, a música, as artes plásticas, receberam, todas, influências as mais diversificadas. Em campo filosófico as inovações foram tantas, era tão insaciável nossa sede ante fontes garantidas por vasta tradição de pensamento, que acabamos seriamente ameaçados por um ecletismo conciliador e um tanto estéril, mas dotado de fascínio suficiente para envolver o “homem cordial” do Brasil. Cruz Costa dá notícia de um bando de idéias novas (15) que, em meados da última centúria, teriam chocalhado violentamente as frágeis estruturas de uma nação que, como expressão cultural, apenas ensaiava nascer. Sílvia Romero, entre feliz por nossa generosa receptividade e temeroso por nosso reduzido espírito crítico, menciona pelo menos as seguintes posições, em uma classificação que redigiu em 1905: “I. Espíritos educados em fins do século XVIII e começos do XIX nas doutrinas do **sensualismo** francês de Destutt de Tracy e Larominguère, que passaram depois para o **ecletismo** espiritualista de Cousin e Jouffroy (1820 – 1850), sendo os mais notórios Mont’Alverne e Eduardo Ferreira França. II. Puros sectários do **ecletismo**, sendo os principais Domingos J. Gonçalves de Magalhães e Moraes Vale (1850 – 1870). III. **Reação católica** com Patrício Muniz e Soriano de Sousa, no mesmo tempo da segunda fase e anos posteriores. IV. Reação pelo **agnosticismo** crítico a princípio e depois, pelo monismo evolucionista à Haeckel e Noire, com Tobias Barreto (1870 – 1889); V. A corrente **positivista** à Littré, com Luís Pereira Barreto, a que se vieram juntar Martins Júnior e Sousa Pinto, este passando mais tarde ao **positivismo ortodoxo**, acontecendo o mesmo a Aníbal Falcão e outros mais (1880 – 1904). VI. Corrente **positivista** ortodoxa, com Miguel Lemos, Teixeira Mendes e vários sectários, entre os quais não será sem razão contar, a

(14) *Sobrados e Mocambos*, pág. 259.

(15) *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, cap. 2, passim.

despeito de pequenas dissidências, Benjamim Constant Botelho de Magalhães e seu genro Álvaro Joaquim de Oliveira (1 880 – 1 904). VII. **Bifurcação spenceriana do evolucionismo**, com Sílvio Romero, a que se prendeu Artur Orlando, Clóvis Beviláqua, Samuel de Oliveira, Liberato Bittencourt, João Bandeira, França Pereira e poucos mais (1 870 – 1 904). VIII. **Bifurcação haeckeliana do evolucionismo**, com Domingos Guedes Cabral, Miranda Azevedo, Lívio de Castro, Fausto Cardoso, Oliveira Fausto e Marcolino Fragoso (1 874 – 1 904). Várias tentativas independentes de Estilita Tapajós e R. Farias Brito, já antes procedidas, em certo sentido e sem igual esforço, por J. de Araújo Ribeiro” (16).

Como se pode ver, bem pouca brasilidade enformou esta atividade cultural, pois nem mesmo a **reação católica** (item III) ou as tentativas “independentes” mencionadas no final da classificação, desenvolveram um pensamento que fosse plena expressão cultural nossa. Aliás, bem longe disso. Pouquíssima brasilidade esteve presente a quase todo o evoluer dos diferentes setores da cultura brasileira no século XIX. Ao músico Carlos Gomes, por exemplo, faltaram condições ambientais e pessoais para produzir música tropical brasileira, como logrou fazer mais tarde Villa Lobos. O Brasil influenciou sua temática, mas, ao que parece, todos os cânones aos quais obedeceu para compor eram europeus. Nossos artistas plásticos normalmente iam (e continuam indo, só que agora com maior consciência das peculiaridades brasileiras) amadurecer e temperar sua arte em escolas européias. Carentes de Universidades, fizemos maciça importação do cabedal científico alheio.

A rigor, uma cultura verdadeiramente brasileira principiou a delinear-se bem recentemente. Mário de Andrade observou:“... nesta barafunda que é o Brasil, os nossos críticos são impelidos a ajuntar as personalidades e as obras, pela precisão ilusória de enxergar o que não existe ainda, a nação” (17). E o intelectual não escrevera assim por desamor ou cinismo. Aparentemente, poucos tiveram, mais que Mário de Andrade, uma consciência histórica tão bem definida e, na primeira metade deste século, mais ampla e realista visão do Brasil como expressão cultural. Não foi por razões difíceis de compreender que, quando o poeta italiano Marinetti trouxe seu futurismo para intervir em nosso movimento modernista, Mário não gostou, negando-se até, em certa ocasião, a entrevistar-se com o estrangeiro. Tratava-se de um “nacionalismo” inconseqüente e ufanista ? nada nos leva a crer em tal coisa, pois a abertura cultural do nosso

(16) Citado em Cruz COSTA, **Ibidem**, págs. 101 – 102.

(17) **Aspectos da Literatura Brasileira**, pág. 8.

escritor sempre foi atestada pelos seus contemporâneos mais analíticos. Certamente o criador de **Macunaíma** constatava um Brasil espiritualmente estilizado e amorfo, não por falta de mensagem e vida próprias, mas pelas excessivas peias dos modelos importados. Mais: Andrade há muito compreendera que “o tupiniquim tem razões que a própria razão desconhece”. E buscou dizer que as desrazões de Macunaíma constituíam nosso tipo peculiar de arraçoamento. Lá está o Macunaíma como o oposto e a negação do **fidalgote** educado em escolas européias e incapaz de atender às nossas características étnicas e sociais. “A vida do fidalgote é feita de poses”, comenta Georges Friedmann (18); Mário de Andrade instituiu o personagem/ mito, feito de nenhuma pose e muito telurismo.

O movimento modernista, ainda que inspirado em entusiasmos europeus, assumiu pela primeira vez (e obsessivamente) uma formidável brasilidade. De lá para cá, vem o Brasil ganhando feições culturais próprias, apesar das desastrosas contramarchas políticas.

Como é sabido, “cultura” é hoje um vocábulo um tanto descaracterizado, pelas muitas acepções em que se toma. Todavia, simplificando as coisas para evitar uma cansativa discussão acadêmica, entenderemos, nestas páginas, “cultura” como sendo “a **expressão** de um estilo de vida, concentrada nas produções espirituais de um povo.” Tal conceito nem se restringe à visão puramente etnológica, nem a abandona de vez, como na concepção francesa tradicional que focaliza quase só o aspecto da erudição. É um conceito maleável para o nosso caso e, para o nosso caso, abrangente e de valia.

Atualmente, com a opção brasileira pela industrialização e com a mais moderna tentativa para subtrair-se ao famigerado “impasse da educação”, a isto somadas as coerções políticas das quais se queixam os artistas e intelectuais, enfrentamos a mais gigantesca ameaça à nossa sobrevivência cultural. Está dito que a civilização tecnológica é, em si mesma, totalitarista; as civilizações pré-maquínistas foram mais díspares e personalizadas porque, nelas, ainda não se havia estabelecido a linguagem universal dos moldes mundiais de produção e de consumo. Acresce, a tanto, que os meios de comunicação ultra-rápidos vão fazendo do planeta a decantada “aldeia global.” Ora, quando lemos em Sérgio Buarque de Holanda que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (19) torna-se inevitável a interrogação: “e podemos deixar de sê-lo, como vamos ?

(18) 7 **Estudos sobre o Homem e a Técnica**, pág. 87.

(19) **Raízes do Brasil**, pág. 3.

Posto diante de lamentáveis situações elitistas que ergueram e mantinham a famigerada pirâmide educacional de estrangulamento, o Ensino optou pela democratização. A opção foi oportuna, mas, ao mesmo tempo, faltavam-nos (e faltam-nos) recursos para assumi-la de forma honesta e produtiva. Os muitos expedientes pedagógicos “para inglês ver”, as **recuperações** que nada recuperam, as promoções impostas a despeito do corpo discente não apresentar méritos, tudo isso vai diplomando exércitos de incompetentes que, fatalmente, serão revoltados no futuro, pois as atividades vitais do organismo social pedem habilidade e conhecimento, e não apenas habilitações com letras góticas, estampilhas e assinaturas. Temos, hoje, guardadas as devidas exceções, maus matemáticos, manipuladores de fórmulas que não sabem demonstrar, dedilhadores de maquininhas de cálculo cujos segredos internos só muito raramente intuem. Diplomados em medicina que apresentam resultados desastrosos do seu trabalho. Professores mal formados que enganam a si mesmos, aos alunos, ludibriando a própria nação. E assim por diante, nas mais variadas áreas profissionais, a bem intencionada “democratização do ensino” vem-se transformando em arma suicida. E para cúmulo, artistas de gabarito reconhecido pelo país e pelo mundo, queixam-se dos grilhões institucionais que obstaculizam suas atividades criativas. Como poderemos não ser desterrados em nossa terra, nos tempos vindouros ?

É chegado o momento de começarmos a crer mais em nossa destinação histórica. Tal crença pode traduzir-se de inúmeras maneiras, principalmente no financiamento lúcido de pesquisas e no subvencionamento de editoras, pois as nossas poucas estão indo a pique.

Ocorre um fato curiosíssimo: consideradas algumas exceções, são as editoras de melhor visão para a programação dos textos e editar que estão fracassando. Temos inúmeras casas editoras em excelente situação financeira, graças à constante publicação de livros perigosamente medíocres que recebem ainda péssimas traduções. São, em sua maior parte, sucessos estrangeiros de venda que também aqui se converterão em sucessos, não pela qualidade do seu conteúdo, mas pelo prévio e eficiente trombeteio da publicidade. Enquanto isso, vamos assistindo à agonia e morte de tradicionais editoras, cujo trabalho livresco foi marcado por duas inestimáveis contribuições ao país: a publicação de obras realmente qualificadas e o apoio ao escritor brasileiro. E nem se diga que os nossos autores não são procurados. Que dizer, por exemplo, de Caio Prado Júnior, que tem obras em 15ª edição ? Que dizer do contista Dalton Trevisan, cujos livros já vão sendo anunciados em 7ª e 8ª edições ? Em campo didático,

há grande número de livros que foram ou são incontestáveis sucessos, como (para tomar um só exemplo) os **Estilos de Época na Literatura**, de Domício Proença Filho. E nem falamos dos grandes **astros**, como Érico Veríssimo, Jorge Amado e Chico Buarque. Nossos autores são muito procurados; o necessário é que se realizem maiores investimentos na publicidade de nomes, ainda que mais novos, cheios de real valor.

Certo conferencista, questionado sobre qual a validade de ir fazer cursos na Europa e depois retornar para a vivência acadêmica no Brasil, voltando-se — quem sabe ? — mal situado a nível de realidade brasileira, respondeu com uma ironia cheia de verdade: “Não é preciso sair do Brasil para ‘estudar na Europa’ basta abrir os livros ! são quase todos traduzidos...”

Ora, será sempre ótimo que tenhamos entre nós obras boas de todas as partes do mundo; mas que as tenhamos não ao ponto de renunciarmos às nossas expressões culturais. Mais uma vez será sensato frisarmos que não ocupemos uma posição xenófoba; esclarecer que nos negamos a deixar agrilhoar-nos por um nacionalismo misantropo. Albert Schweitzer dá, a tal tipo de nacionalismo, o nome de **manifestação mórbida** (20), e, comentando seu caráter pernicioso, escreve: “O traço característico da nacionalidade já não aparece como algo de inconsciente, ou de semiconsciente, com alternâncias de claridade, no comum da vida espiritual do povo. Torna-se em mania, artificialismo, moda, atitude, e encontra tamanha proliferação de idéias em todos os terrenos da vida que as suas ponderosas conseqüências se tornam **de ano para ano mais nítidas**” (21). Hoje, vividas as trágicas experiências de quase todos os nacionalismos obsessivos, cremos que boa atitude é considerá-los coisas sepultadas, vultos esfumados de um passado que não se deve repetir.

Mas, há que reunir-se muita prudência para a busca do exato ponto onde se deve estar sempre realizando a fecunda dialética que faz confrontarem-se o “localismo” e o “cosmopolitismo”. O primeiro, só apresenta razão de existência na existência do segundo, e vice-versa. O “localismo” será sempre a resistência ao totalitarismo igualitário do ambiente tecnológico, preservando em um povo tudo o que possa ser preservado do seu estilo de vida, das suas manifestações espirituais. Mas tal resistência só será benéfica na medida em que buscar contribuir com a riqueza da pluralidade cosmopolita, como

(20) **Decadência e Regeneração da Cultura**, pág. 62.

(21) Schweitzer escreveu essas linhas entre os anos de 1 900 a 1 914, para conferências em Upsala, na Suécia. Naquele então, o sábio apenas antevia de que catástrofes o nacionalismo morbido seria capaz.

também na medida em que não perder a capacidade de apreciar o alheio, o “cosmopolitismo”, quando visto não como uniformização ou pura obsessão expansionista, mas como intercâmbio alheio a dependências servis de qualquer das partes, é a própria razão do localismo.

3. CONCLUSÃO

Nosso problema funda-se no fato de que temos descuidado tanto do desenvolvimento de um localismo consciente quanto da prática de um cosmopolitismo mais digno. Ora, por que os cursos e empreendimentos gerais das nossas Universidades ganham em importância quando figuram nomes estrangeiros no seu quadro de docentes? Nossa vivência cultural, aqui e fora, não nos terá oferecido bons profissionais para proveito nacional? também outra coisa intriga: por que é mais ou menos comum que, numa lista bibliográfica, algumas pessoas atentem pouco para os autores com nomes brasileiros? As respostas a perguntas como estas talvez componham o retrato do colonizado feito pelo próprio colonizado.

Cultura é expressão. Expressamo-nos. Seja-nos dado contar a nossa História, expender as nossas opiniões de forma menos dependente e, sobretudo, analisar nossos pensadores, que não são poucos e nem tão insignificantes quanto ideologias alienígenas fazem crer. Mas que não permaneça o equívoco de que pensar a “cultura brasileira” seja pensar exclusivamente o nosso desenvolvimento econômico. Este, ainda que basilar, é um aspecto daquilo que deve ser chamado “cultura brasileira”.

Temos sofrido algumas influências norte-americanas, não há dúvida; mas, para quem tem olhos de ver, permanecemos mesmo de cerviz dobrada ante as modas e os movimentos europeus. Tanto quanto mostramos certos afrancesamentos conservadores de pensamento (à século XIX), tanto quando repetimos e repetimos sobre dialética materialista, estamos encontrando modos de calar nossa expressividade cultural. Muito rica de sentido é a poesia de Drummond, quando diz “e como ficou chato ser moderno; agora serei eterno”; ora, ser eterno, aqui, não é outra coisa do que ser autêntico. A autenticidade, esta sim, é sempre revolucionária.

Um brasileiro houve, de formação intelectual européia, que desejou ardentemente que o Brasil tivesse vida, pensamento e arte próprios e, — quem sabe? — num futuro mais distante, a própria Ciência. Este foi José

Bonifácio, o Patriarca da Independência, figura muito usada hoje para fins políticos bem desaprováveis. Depois dele, muitos outros. Se seguirmos o rastro desses homens, este país submetido o expoliado tantas vezes, muitas outras reduzido a monossílabos culturais, poderá ainda, num esforço feliz, articular a **sua palavra** perante a História.

Não sermos desterrados em nossa própria terra é tarefa nossa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Mário de., **Aspectos da Literatura Brasileira**, S. Paulo, Liv. Martins Ed., 5ª edição, 1 974.

CRUZ COSTA, **Contribuição à História das Idéias no Brasil**, Rio, Civilização Brasileira, 2ª edição, 1 967.

DIONIÍSIO, Sant'Ana., **A Não-cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência**, Lisboa, Seara Nova, 1 941.

FREYRE, Gilberto., **Sobrados e Mocambos**, São Paulo, Comp. Edit. Nacional, 1 936.

FRIEDMANN, Georges., **7 Estudos sobre o Homem e a Técnica**, S. Paulo, DIFEL, 1 968.

HOLANDA, Sérgio Buarque de., **Raízes do Brasil**, Rio, Liv. José Olympio Ed., 10ª edição, 1 976.

LINTON, Ralph., **O Homem: Uma Introdução à Antropologia**, S. Paulo, Liv. Martins Ed., 1 968.

MUNFORD, Lewis., **A Condição de Homem**, Porto Alegre, Ed. Globo, 2ª edição, 1 958.

PRADO JÚNIOR, Caio., **Formação do Brasil Contemporâneo**, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 12ª edição, 1 972.

RAMOS, Arthur., **Introdução à Antropologia Brasileira**, 3 vols., Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1 962.

SCHWEITZER, Albert., **Decadência e Regeneração da Cultura**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 2ª edição, 1 959.